

O TEATRO, A ESCOLA E A FORMAÇÃO DO PEQUENO LEITOR: A DRAMATURGIA INFANTIL NO CENÁRIO DE SYLVIA ORTHOF

Gláucia dos Santos Lemes (PG-UFMS/CPTL)
glaucialemes@hotmail.com

Wagner Corsino Enedino (UFMS/CPTL)
Wagner_corsino@hotmail.com

Resumo: Ancorados nos estudos de Ziberman (1998, Aguiar (1997), Candido (1995), Costa (2007), Pavis (1999), Ryngaert (1996), Pallottini (1989), entre outros, o presente trabalho têm por objetivo evidenciar a literatura na formação do ser humano, destacando a relevância da literatura infantil para a criança e o papel da escola na formação do pequeno leitor. Temos conhecimento que, na maioria das escolas brasileiras, o ensino da literatura se limita a textos narrativos contidos nos livros didáticos, os quais são utilizados para realizar atividades sugeridas, o que pode desagradar às crianças, distanciando-as do interesse pela leitura. Diante desse cenário, percebemos que o texto dramático, na escola, não está inserido nas leituras de lazer ou como literatura escolar. É nessa perspectiva que essa pesquisa se desenvolve, procurando abordar a relação da leitura com a criança e propor uma reflexão sobre a leitura do texto dramático como gênero literário, visto que, antes de ser encenada esta modalidade textual é “literatura”, que pode e deve ser lida e trabalhada no contexto escolar. Para tanto, faremos uma breve leitura do texto dramático infantil *Eu Chovo, Tu Choves, Ele Chove...*, de Sylvia Orthof, um dos nomes mais respeitados da literatura infantil brasileira. O prestígio e credibilidade alcançados pela autora devem-se, sobretudo, à qualidade de seus textos, os quais são permeados de questionamento, humor, linguagem simples e direta. Além desses fatores, Orthof aborda, em seu projeto estético, temas relacionados ao universo infantil e à realidade cotidiana.

Palavras Chave: Dramaturgia infantil; formação do leitor; Sylvia Orthof.

Introdução

Sabe-se que a leitura desenvolve a capacidade intelectual e criativa do ser humano, tornando-o um cidadão participante e crítico, o que estabelece a sua relação com o meio social.

Assim, os primeiros contatos da criança com a leitura é de fundamental importância para sua formação como ser humano crítico. As histórias infantis devem estar presentes na vida de todas as crianças, seja como leitura, contação de histórias, dramatização ou somente a visualização de imagens. O fascínio da criança pelo

imaginário, pelo mundo da fantasia desperta o interesse pela leitura e propicia o despertar da criatividade e diferentes modos de resolução de problemas.

Desse modo, entendemos que a literatura deve ser apresentada aos pequenos de forma atrativa, estabelecendo uma relação prazerosa entre a criança e a leitura, para que essa prática seja contínua, se estendendo por toda vida.

Na maioria das vezes, a criança já tem contato com a literatura e até aprende a ler antes mesmo de entrar na escola, dentro do recinto familiar. Em outras situações, só vai ter contato com livros no âmbito escolar. Independente de tais situações é imprescindível que o professor incentive e instigue a criança a ler, proporcionando momentos de leitura de forma lúdica e, por extensão, prazerosa.

Diante desse contexto, percebemos que a literatura infantil procura mostrar para a criança alguns fragmentos da vida, do mundo que a cerca, da sociedade na qual está inserida, da realidade palpável e daquela não alcançada por meio de um sistema de representações, voltada, quase sempre para a fantasia, uma vez que “Esses aspectos respondem às suas necessidades íntimas e inefáveis, para que a criança jogue com as imagens da realidade e construa assim, sua própria cosmovisão” (OLIVEIRA; SPÍNDOLA, 2008, p. 17).

É nessa perspectiva que esse trabalho se desenvolve, e tem por objetivo refletir acerca da relevância da literatura na vida do ser humano, bem como abordar o papel da escola na formação do pequeno leitor. Para tanto, faremos um breve panorama da literatura infantil no cenário brasileiro, destacando o nome de Sylvia Orthof e sua produção *Eu Chovo, Tu Choves, Ele Chove...*, estabelecendo aproximação e distanciamento entre os gêneros dramático e narrativo.

1. A literatura como constructo social

Primeiramente, importa destacar o que se entende por literatura. Segundo Marta Moraes da Costa (2007), o termo *literatura* foi empregado a partir do final do século XVIII, objetivando distinguir e classificar textos escritos com aspectos imaginativos. Assim, entendemos que literatura é “[...] aquilo que está em livro e que tem caráter de história inventada ou de texto para ser declamado, com sons parecidos ao final das linhas (as rimas)” (COSTA, 2007, p. 16). Entretanto, o termo literatura também é estendido “[...] aos livros que trazem textos que tratam de áreas profissionais

específicas. Assim, por exemplo, fala-se em literatura médica ou jurídica [...]” (COSTA 2007, p. 16).

Nessa perspectiva, entendemos que literatura se relaciona direta e exclusivamente com a arte da palavra, com a estética e com o imaginário. Na esteira de Vera Teixeira de Aguiar (1997, p.144), a experiência estética para o indivíduo “[...] consiste em sentir e saber que seu horizonte individual [...] mede-se com o horizonte do texto e que, desse encontro, advém-lhe maior conhecimento do mundo e de si próprio”. Desse modo, a leitura estimula o diálogo, visto que, o leitor socializa suas experiências, discute com outros leitores suas conclusões e preferências literárias.

Nessa perspectiva, entre os direitos inalienáveis do ser humano está o direito à literatura, pois, “[...], o caráter de coisa organizada da obra literária torna-se um fator que nos deixa mais capazes de ordenar a nossa própria mente e sentimentos; e em consequência, mas capazes de organizar a visão que temos do mundo” (CANDIDO, 1995, 245). Desse modo, entende-se o quão importante é o texto literário para o aprimoramento intelectual do indivíduo e, sobretudo ético, levando-o a uma melhor compreensão do mundo e da realidade.

2. Literatura infantil: uma síntese histórica

A literatura surgiu na Europa, num momento em que as pessoas sentiram necessidade de trocar experiências com objetivo de beneficiar as gerações posteriores, visto que, “o ato de contar histórias surgiu no homem, no instante em que se fez presente em sua vida a necessidade da comunicação” (OLIVEIRA; SPINDOLA, 2008, p. 23).

Desse modo, percebemos que a literatura infantil foi propagada na Antiguidade e Idade Média por contadores e narradores de histórias; portanto, o marco inicial dessa literatura foi a tradição oral e a cultura popular. Leonardo Arroyo (1968) reforça esta afirmação, salientando que os contadores de história “[...] andavam de engenho em engenho contando histórias às outras pretas, amas dos meninos brancos [...]” (ARROYO, 1968, p. 45).

Porém, de acordo com Regina Zilberman e Marisa Lajolo (1986), a literatura infantil “[...] não teve origem popular, nem aparecimento espontâneo: seu surgimento

foi induzido, patrocinado pelos autores que escreveram livros no período de transição entre os séculos XIX e XX” (ZIBERMAN; LAJOLO, 1986, p. 61).

Independente do ponto de vista desses dois autores sabe-se que as primeiras obras literárias direcionadas ao público infantil só começaram a aparecer no final do século XVII e início do XVIII, com os clássicos infantis, contos de fada ou contos maravilhosos de Charles Perrault, Irmãos Grimm, Andersen e as fábulas de La Fontaine.

No contexto histórico sobre a infância, sabemos que a criança sempre foi tida como um ser inferior, sem importância para a sociedade. Só a partir do século XVII é que a infância é reconhecida como uma fase que apresenta características específicas e que precisa de melhor atenção por parte dos adultos. Ocorre, todavia, que apenas no século XX é que se materializa um pensamento que se preocupa com a criança, haja vista que “Assim, há expansão da Literatura Infantil que procura desenvolver a personalidade infantil, inculcando bons ensinamentos e exemplos para a formação do homem de valor” (OLIVEIRA; SPÍNDOLA, 2008, p. 34).

3. Literatura Infantil no Brasil: um breve contexto

A Literatura Infantil no Brasil surgiu no final do século XIX. Nossos escritores utilizavam-se dos clássicos infantis europeus, que eram adaptados e traduzidos.

O período entre 1920 e 1945 tornou-se um marco da emancipação da literatura infantil brasileira; o qual, até então, era cópia europeia, visto que o Brasil sempre sofreu influência internacional. Monteiro Lobato foi o primeiro autor que investiu no público infantil usando de uma nova estética literária, fugindo dos padrões pedagógicos.

Nas décadas de 1940 a 1960 a literatura se destacou pela grande quantidade de obras literárias. Essas décadas ficaram marcadas pela autonomia na literatura infantil, o que proporcionou a retomada da liberdade de criação, a qual teve início com as obras de Monteiro Lobato. Nesse período, surgiram novos autores com propostas questionadoras, ideias arrojadas e uma linguagem moderna que atraem as crianças. Nesse cenário literário, estão nomes como Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Lygia Bojunga Nunes, Sylvia Orthof, Ziraldo, Pedro Bandeira, Tatiana Belinky, Mario Quintana, Sonia Junqueira, Mary e Eliardo França entre outros.

Dentre esses autores, Sylvia Orthof é um dos nomes de destaque na literatura infantil brasileira e uma dos maiores representantes da dramaturgia para crianças. Seus textos são questionadores, divertidos, ágeis e constituídos por uma linguagem dinâmica. Ganhou vários prêmios com seus textos dramáticos para crianças, entre eles, *A viagem do barquinho*, *A gema do ovo da ema*, *O cavalo transparente* e *Eu chovo, tu choves, ele chove...*. No tocante a outros gêneros literários, porém sempre destinado ao público infantil, foi premiada com as obras *A vaca mimosa e a vaca Zenilda*, *Os bichos que tive*, *O sapato que miava* e *Ponto de tecer poesia*.

A autora nasceu em Petrópolis, estado do Rio de Janeiro, em 1932 e faleceu em 1997. Foi atriz de teatro, trabalhou em televisão e cinema. Atuou como diretora, cenógrafa, manipuladora de fantoches, contadora de histórias e dramaturga. Embora seu lado teatral seja menos conhecido, a artista é considerada um dos maiores nomes do teatro infantil brasileiro. Em 1975, fundou a Casa de Ensaios Sylvia Orthof, dedicada a espetáculos infantis.

Nos últimos anos de sua vida se dedicou especialmente aos livros infantis. Escreveu mais de 500 histórias, porém muitas se perderam ou não se tornaram públicas. Em seu legado, deixou mais de 120 livros de literatura infantil e juvenil publicadas, além de 10 peças de teatro dedicadas ao público infantil, certamente um relevante serviço dedicado à arte no Brasil.

Os textos da autora são marcados pelo humor, pela mistura de fantasia e realidade, pela descontração e pelo espírito de liberdade, pela linguagem simples. Em seu bojo, há personagens como bichos, crianças, avós e até objetos, os quais apresentam atitudes inusitadas, comportamentos exagerados, o que remete à quebra das regras de “boas maneiras” e estereótipos sociais. Sob esse viés, podemos notar que esses aspectos fazem que a criança se prenda à leitura, visto que os temas abordados nas histórias aguçam o imaginário do pequeno leitor.

Dessa forma, a autora contribui para a formação do leitor infantil, já que, ao escrever suas obras, Orthof se preocupa com a criança, especialmente no que diz respeito a sua formação como leitor crítico.

4. A escola e a literatura: a formação de pequenos leitores

Conforme assevera Aguiar (1997), o ato de ler proporciona a descoberta do mundo da leitura, um mundo que fascina crianças, jovens e adultos. Entretanto, por mais que a leitura dependa do indivíduo de querer ou não aprender, essa prática é um processo de interação humana, portanto, é muito importante o indivíduo aprender a ler, visto que a leitura é um ato social marcado historicamente, pois é a contrapartida necessária à invenção da escrita.

Sabemos que o primeiro relacionamento social da criança está restrito a sua casa, aos seus familiares, pais ou responsáveis. Sendo assim, o primeiro contato com a literatura é quando ela ouve histórias contadas pelos adultos. Muitas crianças, antes de começar a frequentar a escola, nunca tiveram acesso a qualquer tipo de livro infantil. Nessa perspectiva, a escola se torna um agente formador de novos pequenos leitores.

Segundo Zilberman (1998), as relações entre literatura e escola compartilham um mesmo ponto de vista: a natureza formativa, ou seja, ambas estão voltadas à formação do indivíduo ao qual se dirigem. Com efeito, para que a literatura cumpra seu papel no imaginário do leitor,

[...] é fundamental a mediação do professor na condução dos trabalhos em sala de aula e no exemplo que ele dá a seus alunos, lendo e demonstrando, sempre que possível, a utilidade do livro e o prazer que a leitura traz para o intelecto e a sensibilidade (COSTA, 2007, p. 20).

Entretanto, em muitas escolas, a leitura é tarefa obrigatória, os livros, geralmente, são escolhidos pelo professor, ou então, são os indicados pela escola. Dessa forma, fica difícil estabelecer uma relação prazerosa entre a criança e a literatura. Assim, acreditamos que o livro infantil não deve fazer parte do currículo escolar somente para demarcar um lugar no compêndio educacional, uma vez que tal aspecto pode interferir no gosto pela leitura e, assim, a criança pode deixar de ser um bom leitor.

De acordo com Zilberman (1998), a leitura não deve ser pensada somente como uma ação de formação cognitiva ou afetiva, mas como ação cultural historicamente constituída, ou seja, o que importa é representação da realidade contida no texto que se lê.

Com a democratização da leitura no Brasil, são muitos os livros adquiridos pela escola pública. Não obstante, esses livros, em sua maioria, são livros didáticos. Dessa

forma, a literatura na escola fica restrita aos textos contidos nessas obras, assim como as atividades propostas pelo professor. Entre os diversos gêneros literários, o que menos se trabalha, ou não se trabalha na escola, é a literatura dramática. Isso acontece, talvez, porque dentro da realidade nacional, o brasileiro não tem contato direto com o teatro. Ocorre, todavia, que devemos refletir que o texto dramático é, portanto, literatura e, como tal, deveria estar inserido no contexto escolar, não só como forma de representação (*showing*), mas como parte integrante da leitura da materialidade linguística (*telling*), fornecendo ao aluno a apreensão das particularidades do gênero dramático frente a outros gêneros literários, bem como favorecer o acesso dos educandos aos nomes de maior representatividade do cenário dramático de nossa literatura.

Tendo em vista que toda literatura contribui para o crescimento emocional, cognitivo e para identificação pessoal da criança, acreditamos que inserir o texto teatral em sala de aula, seja como leitura ou representação, é de fundamental importância para a formação de todos esses aspectos. É nessa perspectiva, que apresentamos a obra dramática de Sylvia Orthof, *Eu chovo, Tu chove, Ele chove...*, como opção de leitura que possibilite um trabalho sistemático que visa à integração das crianças em sala de aula.

5. O espetáculo textual de Sylvia Orthof: uma breve leitura de *Eu chovo, Tu choves, Ele chove...*

O texto teatral de Sylvia Orthof, *Eu chovo, Tu choves, Ele chove...* foi escrito em 1975, pouco antes da extinção do Ato Institucional nº 5 (AI-5), de 13 de dezembro de 1968, que dava força total à censura e às perseguições políticas totalmente arbitrárias. O texto, uma das peças mais premiadas da autora, recebeu o 1º prêmio no concurso promovido pelo teatro Guaíra, no Paraná, em 1976, porém só foi publicado em 1981.

O texto é uma mistura de fantasia e realidade, marcado pelo humor, pela linguagem simples, diversão e musicalidade. A autora usa o elemento cômico como recurso questionador acerca do mundo dos adultos e a autoridade constituída. Assim, entendemos que:

O cômico não se limita ao gênero da comédia: é um fenômeno que pode ser apreendido por vários ângulos e em diversos campos. Fenômeno antropológico, responde ao instinto do jogo, ao gosto do homem pela brincadeira e pelo riso, à sua capacidade de perceber aspectos insólitos e ridículos da realidade física e social. Arma social, fornece ao irônico condições para criticar seu meio, mascarar sua oposição por um traço espirituoso ou de farsa grotesca. Gênero dramático, centra a ação em conflitos e peripécias que demonstram a inventividade e o otimismo humanos perante a adversidade (PAVIS, 1999, p. 58).

Com seu texto ágil e divertido, Orthof faz uma crítica à sociedade utilizando-se do humor para retratar a relação de poder entre patrão e empregado. Também enfatiza a liberdade, mostrando como um simples pingo de chuva, que representa a classe subordinada, pode subverter a ordem estabelecida e transformar a vida numa grande aventura.

No texto teatral *Eu chovo, Tu choves, Ele chove...*, a dramaturga brinca com a linguagem, começando pelo título, em que conjuga o verbo chover, que contraria a as regras gramaticais da Língua Portuguesa que o consideram impessoal. Os fatos ocorrem em três ambientes: céu, terra e mar. O texto conta a história de um pingo de Chuva que tenta, de todas as formas, chover sozinho. Para tanto, precisa entregar uma carta do seu Patrão Chuveiro para a Madame Sereia, a qual mora no fundo do mar. Ele percorre um longo caminho para cumprir sua tarefa, pois só assim terá permissão de chover sozinho. No texto, a ideia central é mostrar a importância da liberdade e da falta de seriedade por parte dos patrões.

A trilha sonora que circunscreve a peça é baseada em melodias folclóricas, de cantigas populares como *Ciranda cirandinha*, *Meu limão meu limoeiro*, *Skindô-lê-lê*, todas adaptadas para a peça. No desenrolar dos acontecimentos, a autora nos mostra uma revolução entre a relação patrão empregado, retratando a situação reversa, isto é, o outro lado da moeda,

Os personagens são diferenciados e se entrelaçam no contexto da obra: Chuisco (fantoche muito medroso), Pingo (um pouco tímido, mas determinado), Chuveiro (patrão, sempre ocupado e mandão), Tia Nuvem (inconstante e dramática) Galinha d'Angola (hipocondríaca, vive inventando doenças, mãe do Ovo Bonifácio) Sereia (madame, patroa e interesseira), Ova de Peixe (empregada da Sereia, vaidosa e

revolucionária), Ovo Bonifácio (representado por um objeto, que depois vira o Príncipe Elefântico) e o Sol (soberano e justo).

Os personagens estão bem caracterizados e isso é um fator relevante, uma vez que:

O personagem é um determinante da ação, que é, portanto um resultado de sua existência e da forma como ele se apresenta. O personagem é o ser humano (ou um ser humanizado, antropomorfizado), recriado na cena por um artista autor ou por um artista ator (PALLOTTINI, 1989, p.11).

Eu chovo, Tu choves, Ele chove..., é um texto teatral articulado, composto por diálogos curtos e um número considerável de didascálias, pois a autora deixa tudo muito explicado: os personagens, as indicações cênicas, bem como as frases que dizem.

O teatro possibilita dizer muitas coisas ao mesmo tempo, e a Sylvia Orthof faz uso desse mecanismo quando brinca com as palavras, objetos, personagens e o senso de humor. Desse modo, consegue atingir seu alvo: o autoritarismo dos manda-chuvas. Ryngaert (1996, p.25), salienta que “Um bom texto de teatro é um formidável potencial de representação”. Dessa forma, acreditamos que trabalhar com o texto dramático em sala de aula, permite o uso dos jogos dramáticos, o que oportuniza o aluno a experimentar, acima de tudo, os seus desejos, os seus instintos e a sua imaginação, assim como, conhecerem as características de um texto teatral.

Considerações finais

A leitura é um ato social e necessário ao ser humano, portanto o objetivo da literatura é iniciar o ser humano no mundo literário. Assim, a criança desde pequena se vê inserida no seu contexto social como um ser mais reflexivo e crítico. O livro é o melhor instrumento para contribuir nessa formação. Portanto, tanto a escola, por meio de professores mediadores, como a literatura, por meio de livros significativos, devem incentivar e fortalecer a formação do indivíduo, para que este faça da leitura uma prática constante.

No decorrer desse trabalho, por meio das leituras, foi possível reconhecer a importância dos livros para o indivíduo desde pequeno, assim, como adquirir um conhecimento mais acentuado sobre a literatura infantil, reconhecendo o texto dramático como texto literário e do papel da escola na formação do pequeno leitor.

Outro fator relevante que nos chama a atenção é que, mesmo que o texto da autora retrate um momento histórico que o Brasil estava enfrentando naquele momento, vivenciado pela autora, o que podemos observar é que essa obra não ficou datada, portanto, nos dias de hoje ainda nos leva à reflexão, pois existem muitos “Patrões Chuveiros” e “Madames Sereias” que estão por aí, representando as autoridades do nosso país, independente da época.

Nesse sentido, acreditamos que as metodologias de leitura e encenação do texto dramático na escola contribuem para a formação do aluno, propiciando-lhe vivenciar experiência de leitura pautada entre a observação e a representação da obra.

Referências

- AGUIAR, Vera Teixeira. *A leitura em sua dimensão histórica e social: as competências do leitor*. Revista CIÊNCIAS & LETRAS, Porto Alegre, n° 20/1997, p. 143-149.
- ARROYO, Leonardo. *Literatura Infantil Brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1968.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. 3 ed. Ver. E ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995, p. 235-263.
- COSTA, Marta Moraes da. *Metodologia do ensino da literatura*. Curitiba: Ibpex, 2007.
- LAJOLO, Mariza; ZILBERMAN, Regina. *Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: história, autores e textos*. São Paulo: Global, 1986.
- OLIVEIRA, Ana Arlinda; SPÍNDOLA, Arilma Maria de Almeida. *Linguagens na Educação Infantil III; Literatura Infantil*. Cuiabá: Edufimt, 2008.
- ORTHOFF, Silvia. *Livro aberto: confissões de uma inventadeira de palco e escrita*. Rio de Janeiro: Atual, 1994.
- PALLOTTINI, Renata. *Dramaturgia: a construção do personagem*. São Paulo: Ática, 1989.
- PAVIS, Patrice. *Dicionário de teatro*. Tradução de J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- RYNGAERT, Jean-Pierre. *Introdução à análise do teatro*. Trad. Paulo Neves, revisão da tradução: Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 10. ed. São Paulo: Global, 1998.